

## **A Eneida de Lima Leitão: breve análise de um projeto tradutório**

Paulo Sérgio de Vasconcellos  
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)  
odoricano@gmail.com

**RESUMO:** Este artigo apresenta e analisa alguns princípios e a prática tradutória do português Lima Leitão, que traduziu todas as obras de Virgílio antes da edição do célebre *Virgílio Brasileiro* (1858) do maranhense Manuel Odorico Mendes. Para ilustrar as características gerais da tradução, considera-se, sobretudo, uma passagem de sua versão da *Eneida*, cuja edição remonta a 1819, anteriormente, portanto, à primeira edição da *Eneida Brasileira* (1854) do tradutor maranhense. Discute-se, na tradução do episódio de Laocoonte, a escolha vocabular de Lima Leitão e o modo como traduz sonoridades e a ordem expressiva das palavras. Como os dois projetos tradutórios mencionados apresentam vários pontos de convergência, optou-se por confrontá-los ocasionalmente, apontando semelhanças e diferenças. O texto termina augurando que as traduções de Virgílio realizadas por Lima Leitão recebam a mesma atenção e cuidado editorial que as traduções de Odorico Mendes têm recebido.

19

**Palavras-chave:** tradução poética; *Eneida*; Lima Leitão; Odorico Mendes.

### **Lima Leitão's Aeneid: brief analysis of a translation**

**ABSTRACT:** In this paper I analyze some principles (and their practice) that guide the Portuguese translator Lima Leitão, who translated all works of Vergil before the publication of the famous *Virgilio Brasileiro* (1858) by the Brazilian Manuel Odorico Mendes. In order to illustrate Leitão's general practice, I focus on a passage of his translation of the *Aeneid*, whose edition goes back to 1819, before the first edition of Mendes' *Eneida Brasileira* (1854). I analyze briefly, in the translation of the Laocoon episode, Lima Leitão's vocabulary and the way he deals with the sounds and the expressive word-order of the original. As both translations mentioned have much in common, I compare them occasionally, by pointing out similitudes and differences between them. As final thoughts, I express the hope that Vergil's translations by Lima Leitão may receive the same critical and editorial attention that Mendes's ones have received in recent times.

**Keywords:** poetic translation; *Aeneid*; Lima Leitão; Odorico Mendes.

## 1. O projeto tradutório de Lima Leitão e seus pontos de contato com o de Odorico Mendes<sup>1</sup>

Antônio José de Lima Leitão (1787-1856), médico, político, poeta e tradutor português<sup>2</sup>, traduziu toda a obra de Virgílio, em publicação que se estende de 1818 a 1819, sob o título de *Monumento à elevação da colônia do Brasil a reino, e ao estabelecimento do triplice império luso. As obras de Públio Virgílio Maro, traduzidas em verso portuguez e anotadas pelo doutor Antônio José de Lima Leitão*, em três tomos. Como se vê, o título solene revela a intenção de dedicar um empreendimento de vulto à celebração de um fato político: a elevação do Brasil do status de colônia a reino unido com Portugal e Algarve, ocorrida em 1815.

As semelhanças do projeto de Lima Leitão e o de Odorico Mendes, brasileiro que também traduziu todas as obras de Virgílio, são notáveis e este artigo, centrado no projeto do primeiro, pretende também explorá-las, assinalando, ocasionalmente, suas diferenças. Curiosamente, até mesmo a biografia desses dois tradutores do século XIX têm pontos de contato: se Lima Leitão foi médico, tendo sido, inclusive, um pioneiro da homeopatia em Portugal<sup>3</sup>, Odorico Mendes iniciou o curso de Medicina na Universidade de Coimbra, que teve de interromper, porém, com a morte do pai em 1824. Ambos tiveram atuação política e foram deputados. No campo das letras, ambos tinham produção poética própria e se notabilizaram como tradutores de poesia, tendo ambos traduzido, em decassílabos, todo Virgílio. Tanto Lima Leitão como Odorico Mendes traduziram tragédias do francês (no caso do primeiro, *Iphigénie* e *Andromaque* de Racine, publicadas em 1816 e 1817, respectivamente; no caso do segundo, *Mérope* e *Tancrède* de Voltaire, publicadas em 1831 e 1839, respectivamente).

A primeira característica fundamental que une os projetos tradutórios de Lima Leitão e Odorico Mendes é a clara intenção de traduzir o poeta romano de forma poética, sendo a adoção de um padrão métrico regular um indício dessa

---

<sup>1</sup> Agradeço aos pareceristas anônimos da *Rónai* e a Carol Martins da Rocha por sugestões e correções.

<sup>2</sup> Dentre os poetas latinos, além de Virgílio, Lima Leitão traduziu, sempre em verso, Lucrécio e Horácio: **A natureza das coisas**. Poema de Tito Lucrécio Caro traduzido do original latino para verso portuguez por Antonio José de Lima Leitão. Tomo I. Lisboa: Typographia de Francisco Jorge Ferreira de Mattos, 1851; tomo II: Lisboa: Typographia de A. J. F. Lopes, 1853; **Arte poetica de Q. Horacio Flacco, Epistola aos Pisões**, traduzida em verso portuguez por Antonio José de Lima Leitão. Bahia: Typographia de Manoel Antonio da Silva Serva, 1818. Tem sido reeditada no Brasil sua tradução do *Paradise lost* de Milton, cuja primeira edição remonta a 1840, sendo, assim, posterior a suas traduções de poetas latinos. Para uma lista das obras de Lima Leitão, inclusive seus escritos médicos, veja-se o dicionário bibliográfico de Innocencio Francisco da Silva (1858, p. 169-172).

<sup>3</sup> Sobre a interessante carreira médica de Lima Leitão, um importante cirurgião no exército de Napoleão), veja-se PINA (2010) e ASSIS (2018-2019).

disposição; referências a “verso português” (Lima Leitão) e a “tradução poética” (Odorico Mendes) aparecem nos subtítulos das traduções.

Neste artigo, por razões práticas, analisaremos as respectivas versões da *Eneida* de um e outro tradutor, deixando para outra ocasião uma apreciação de conjunto que considere também as respectivas versões das *Bucólicas* e das *Geórgicas*. O foco se dirigirá à tradução de Lima Leitão, que será parcialmente confrontada com a de Odorico Mendes, cuja versão, porém, receberá tratamento menos detalhado, já que ela já tem sido alvo não raro de estudos e análises.

Tanto Lima Leitão quanto Odorico Mendes se filiam à vertente de Filinto Elísio, uma prática tradutória que implica, sobretudo, fazer com que o português sofra o influxo da língua original, neste caso, a latina<sup>4</sup>. Vê-se esse influxo no vocabulário e na sintaxe latinizante. Para empregarmos termos popularizados por Lawrence Venuti (VENUTI, 1995), ambas são, sob esse aspecto, traduções “estrangeirizantes” (“foreignizing”)<sup>5</sup>, em que a língua de chegada deixa-se moldar pela língua de partida. Veremos, porém, que, do ponto de vista dos dados culturais característicos do contexto de produção do original latino, Odorico Mendes é mais “estrangeirizante” que Lima Leitão, o qual chega a resvalar em certo etnocentrismo. Mas, de início, interessa-nos a questão do uso da língua do texto de chegada. Ambos os tradutores acreditavam na necessidade de enriquecer o português sob o influxo criativo do latim. Diz Lima Leitão (1818, p. XII) no prefácio do primeiro volume da tradução das obras de Virgílio (reproduzimos a pontuação fielmente, ainda quando contrasta com os usos atuais):

Achar-se-ão palavras com usos novos, e mesmo novas palavras. É este o método de enriquecer as línguas<sup>6</sup>. Em ambos os casos malhei o meu trabalho a cunho Latino; pois que, como a língua Grega era a fonte, onde se ia prover a Lácia, esta é a que nutre a nossa. Já Camões o fez; têm-no feito os bons poetas, que já

<sup>4</sup> Cf. VIEIRA, 2010, p. 142.

<sup>5</sup> A ideia remonta, pelo menos, a Schleiermacher (1768-1834), como o próprio Venuti aponta; o tradutor de Platão para o alemão preferia esse tipo de tradução àquela que Venuti chama “domesticadora” (“domesticating translation”). Sobre o primeiro tipo, veja-se: “The ‘foreign’ in foreignizing translation is not a transparent representation of an essence that resides in the foreign text and is valuable in itself, but a strategic construction whose value is contingent on the current target-language situation. Foreignizing translation signifies the difference of the foreign text, yet only by disrupting the cultural codes that prevail in the target language. In its effort to do right abroad, this translation method must do wrong at home, deviating enough from native norms to stage an alien reading experience – choosing to translate a foreign text excluded by domestic literary canons, for instance, or using a marginal discourse to translate it” (VENUTI, 1995, p. 20).

<sup>6</sup> É interessante observar que Lima Leitão enriqueceu o discurso médico em língua portuguesa, cunhando neologismos. Como estudioso da medicina e pesquisador no campo, sobretudo nas áreas da Anatomia e Fisiologia, o tradutor português se viu na necessidade de criar palavras novas nesses campos da medicina (ver ASSIS, 2018-2019, p. 565).

passaram; e hoje inda com audácia nobre o faz o sempre ilustre Filinto Elísio. Foi, e será sempre honroso trabalhar em enriquecer prudentemente o idioma pátrio. E por que não o tentarei eu também?

Uma outra característica dos tradutores que chama a atenção é a concisão. Ambos creem que, se o latim é uma língua concisa, o português que o traduz também o deve ser. Se compararmos as versões com outras que se utilizam do mesmo metro, veremos se revelar essa marca distintiva. Comparemos as duas versões quanto ao número de versos em relação ao original virgiliano, mas observemos que, no caso de Odorico, teremos em vista a segunda versão publicada em 1858, que é mais sintética que a primeira e é uma versão preparada e publicada pelo tradutor como um aperfeiçoamento da anterior.

<i>ENEIDA</i>	Texto latino	2 <sup>a</sup> .ed. OM	Lima Leitão
Livro primeiro	756	786 <sup>7</sup>	856
Livro segundo	804	830	919
Terceiro	718	723	816
Quarto	705	741	876
Quinto	871	877	980
Sexto	902	936	1082
Sétimo	817	818	988
Oitavo	731	728	895 <sup>8</sup>
Nono	818	798	1016
Décimo	908	894	1153
Décimo primeiro	915	885	1132
Décimo segundo	952	925	1134
	<b>9.901</b>	<b>9.946</b>	<b>11.847</b>

A versão de Odorico Mendes tem 45 versos a mais que o original latino; a de Lima Leitão, 1.946. Duas outras traduções célebres para outras línguas e que usam o decassílabo são muito menos concisas: a italiana de Annibal Caro tem 15.433 versos, ou 5.532 a mais que o original, ao passo que a inglesa de Dryden

<sup>7</sup> Para efeito de comparação, excluímos os quatro versos de autoria incerta antes do célebre *arma uirumque...*, que Odorico acolhe em sua tradução; Lima Leitão não os incorpora. Na verdade, Lima Leitão os traduz, mas os apresenta à parte, acrescentando breve nota sobre sua história; o tradutor os considera “dignos de Virgílio” (LEITÃO, 1819, p. XVI).

<sup>8</sup> Há um erro na numeração dos versos neste canto: o último traz o número 905. Ocorre que o verso que deveria receber o número 645 vem assinalado como 655 e a numeração, a partir desse ponto, mantém o lapso de não computar dez versos.

tem 13.700, ou 3.799 a mais. A concisão de Odorico é singular; a de Lima Leitão, relativamente significativa.

Que Lima Leitão buscava a concisão como ideal, vê-se explicitamente em seu prefácio à tradução das *Bucólicas*, onde diz:

Olhei para as traduções de Leonel da Costa e de João Franco Barreto; confrontei com elas alguns pedaços que eu vertera e concluí que, mais do que eles, me aproximara da concisão Latina e não moldava os meus versos pelo gosto reinante quando eles escreveram. Vi a das Geórgicas feita por Osório; achei-a pouco concisa. Persuadido destas vantagens pus peito à tradução, com o fito de mais do que eles alargar a esfera da nossa língua, mostrando nela Virgílio em frase mais Virgiliana (LEITÃO, 1818, p. XI; modernizamos ortografia e pontuação).

Mais à frente, Lima Leitão (LEITÃO, 1818, p. XIII) observa que consultou as traduções “melhores que têm as quatro línguas filhas da Latina” e conclui: “A minha é mais concisa do que as deles, e com ela me parece que provo aos meus compatriotas e às mais nações que a língua Portuguesa é das que hoje vivem a mais chegada à Latina em concisão e belezas”. Numa nota a sua tradução da *Eneida* (MENDES, 1858, p. 218), Odorico Mendes comenta: “Note-se a brevidade e concisão do português”.

23

Sob o ponto de vista da forma poética, temos dois projetos muito semelhantes: Lima Leitão e Odorico Mendes intentam elaborar uma tradução poética não apenas pelo emprego de uma métrica regular. Se Odorico no título de sua tradução apõe um “tradução poética”, como já recordamos, no prefácio que vem nas *Bucólicas*, Lima Leitão (LEITÃO, 1818, p. XIV) declara: “não sendo o meu fim principal o comentá-lo [a Virgílio], mas sim o traduzi-lo poeticamente”. Além do metro regular, isso significaria, sobretudo, criar equivalentes de todas as “figuras” do original: “Fazendo o meu possível para fazer descer à minha tradução todas as figuras do original [...] A essência das traduções poéticas é representar as imagens do original tão vigorosas como nele estavam”...(LEITÃO, 1818, p. XIII).

Antes de passarmos a mais detalhes sobre esse aspecto das traduções, notemos que, ao adotar o decassílabo para verter a *Eneida*, as traduções da epopeia virgiliana se conectam com a tradição épica em língua portuguesa e seu modelo maior, *Os Lusíadas* de Camões.

## 2. Um exemplo ilustrativo da tradução

Para ilustrar o modo como Lima Leitão traduz elementos poéticos do original virgiliano, analisaremos o episódio da morte de Laocoonte, uma espécie de *tour de force* pelos efeitos de som, ritmo e ordem das palavras<sup>9</sup>. Apresentamos abaixo o texto latino segundo a edição de Conte (P. VERGILIUS MARO, 2011):

*Hic aliud maius miseris multoque tremendum  
obicitur magis atque improuida pectora turbat.* 200  
*Laocoon, ductus Neptuno sorte sacerdos,  
sollemnis taurum ingentem mactabat ad aras.  
ecce autem gemini a Tenedo tranquilla per alta  
(horresco referens) immensis orbibus angues  
incumbunt pelago pariterque ad litora tendunt;* 205  
*pectora quorum inter fluctus arrecta iubaeque  
sanguineae superant undas, pars cetera pontum  
pone legit sinuatque immensa uolumine terga.  
fit sonitus spumante salo; iamque arua tenebant  
ardentisque oculos suffecti sanguine et igni* 210  
*sibila lambebant linguis uibrantibus ora.  
diffugimus uisu exsanguis. illi agmine certo  
Laocoonta petunt; et primum parua duorum  
corpora natorum serpens amplexus uterque*  
*implicat et miseros morsu depascitur artus;* 215  
*post ipsum auxilio subeuntem ac tela ferentem  
corripiunt spirisque ligant ingentibus; et iam  
bis medium amplexi, bis collo squamea circum  
terga dati superant capite et ceruicibus altis.  
ille simul manibus tendit diuellere nodos* 220  
*perfusus sanie uittas atroque ueneno,  
clamores simul horrendos ad sidera tollit:  
qualis mugitus, fugit cum saucius aram  
taurus et incertam excussit ceruice securim.  
at gemini lapsu delubra ad summa dracones* 225  
*effugiunt saeuaeque petunt Tritonidis arcem,  
sub pedibusque deae clipeique sub orbe teguntur.*

Sucesso então mais horrído nos turba  
A inquieta fantasia: junto às aras  
Laocoon, antiste do cerúleo Jove,  
Imolava solene um toiro ingente.

<sup>9</sup> Para uma análise detalhada dos recursos poéticos desse episódio, veja-se THAMOS, 2017.

Eis das margens de Tênedos se arrojam,           230  
 Nadando a par pelas tranquilas ondas,  
 Duas serpentes de estatura enorme:  
 Seus vastos colos sobre o mar se elevam,  
 Altas entonam as sanguíneas jubas,  
 E a de mais corpulência abraça as vagas,           235  
 Que espúmeas rugem entre as amplas roscas.  
 Já para nós em terra os monstros correm,  
 Do ensanguentado olhar nos vibram chamadas,  
 E, as línguas revolvendo furibundas,  
 Formam na aberta goela horrendos silvos.           240  
 Fugimos com terror. As torvas serpes  
 Tomam rumo a Laocoon, e aos dois filhinhos;  
 Enlaçam com a cauda os tenros corpos;  
 E a fome cevam nas mesquinhas carnes:  
 Arrebatam depois com largas roscas           245  
 O triste pai, que dardejá-las ia;  
 Cingem-lhe dupla vez o peito, e o colo,  
 E as altas frentes lhe alçam sobre a frente.  
 De atra nojenta peste as fitas sparsas,  
 Co'as mãos desdar os nós ele se afinca,           250  
 E clamores horrendos manda aos astros.  
 Mugidos lança, qual ferido toiro,  
 Que às aras fuge, da cerviz havendo  
 Segure mal certa sacudido.  
 Por fim exala os últimos arrancos.           255  
 Os dois dragões então o excelso templo  
 Rápidos buscam da cruel Tritônia;  
 Da Deusa sob os pés, e armas se ocultam.

## 2.1 Seleção vocabular

Notemos primeiramente, nessa versão relativamente concisa (aos 29 versos do original, 33 na tradução; a versão de Agostinho da Silva tem 44 versos), o vocabulário de feição latinizante: hórrido, turba, aras, antiste, cerúleo, entonam, espúmea, torvas, serpes, atra, segure e excelso (no sentido concreto de “elevado”). Destacamos também as formas verbais cultas “desdar” (com o sentido de “desatar”) e “dardejá-la”. Lima Leitão observa, em sua tradução, a *uariatio* no emprego das palavras que designam as serpentes. Se Virgílio traz *angues* (204), *serpens* (214) e *dracones* (225), além de um anafórico *illi* (212), o português apresenta uma variação comparável: “serpentes” (232), “monstros”

(237), “serpes” (241), “dragões” (256). É significativo que o pálido *illi* receba uma versão não apenas semanticamente plena mas acrescida de um adjetivo que a nada corresponde no original latino: “torvas serpes” (214). A manutenção desse efeito de variação, nem sempre mantida por tradutores, pode gerar efeito de sentido e, por isso, parece-nos relevante como fator de apreciação crítica. Para efeito de comparação, Agostinho da Silva (1999; edição em que não se numeram os versos) emprega três vezes a palavra “serpentes” e, por fim, “dragões”. Chama-nos também a atenção a tradução do neutro *Neptuno* (201) pela perífrase erudita “cerúleo Jove” (228), que o leitor leigo não compreenderá de imediato e que fora empregada por Bocage no poema Tritão de suas *Rimas*.

Observemos, por fim, que, em sua tradução da epopeia, Lima Leitão grafa com inicial maiúscula certos substantivos comuns nem sempre grafados assim em traduções do latim: não apenas Deus<sup>10</sup>, Divo e derivados, Nume(s), Sorte, Fado(s), Destino, Céu(s), Fé, Sol, cuja divinização/personificação é mais óbvia, mas também Orbe, Mundo, Terra, Universo, Éter, Natureza.

## 2.2 Recriação dos jogos sonoros

A tradução de Lima Leitão tem sonoridades que nos parecem dignas de relevo, como em “as vagas/Que espúmeas rugem entre as amplas roscas” (235-236); note-se o efeito da tônica /u/ na sequência “espúmeas rugem” e a iteração das sibilantes em “eSpúmeaS rugem entre aS amplaS roScaS”, som reiterado no texto latino, por exemplo, em *Sanguineae Superant undaS* (207). As sibilantes aparecem em realce no texto latino para, provavelmente, sugerir sonoramente o barulho da agitação das ondas em 209 e o silvado de serpentes nos dois versos que seguem:

*fit SonituS Spumante Salo; iamque arua tenebant  
ardentiSque oculoS Suffecti Sanguine et igni  
Sibila lambebant linguIS uibrantibuS ora. (209-211)*

É significativa também a assonância da vogal/ i/:

*ardentISque oculos suffectI sangulne et IgnI  
sblIla lambebant linguIS ulbrantIbus ora.*

Nesses versos ricos em sonoridade, ainda se pode destacar a reiteração de /l/ em *sibiLa Lambebant Linguis*. Evitaremos, aqui, determinar o efeito de

---

<sup>10</sup> Não podemos, aqui, discutir a questão complexa da tradução do latim *deus* como “deus” ou “Deus”. Seja como for, em qualquer contexto, Lima Leitão traduz por “Deus”.

sentido dessas reiterações sonoras, um trabalho interpretativo que, de fato, cabe a cada leitor exercer, associando ao que descobre na tessitura sonora da língua um sentido coerente com o contexto. Aqui, vamos nos limitar a observar a reiteração. Em Lima Leitão, temos:

Que espúmeas rugem entre as amplas roscas.  
 Já para nós em terra os monstros correm,  
 Do ensanguentado olhar nos vibram chamadas,  
 E, as línguas revolvendo furibundas,  
 Formam na aberta goela horrendos silvos.

Parece-nos que os versos de Lima Leitão destacam menos as aliterações e assonâncias do original. Em termos semânticos, entre as liberdades do tradutor, destacamos a expressão “Formam na aberta goela”, que não tem equivalente no original e que, porém, cria uma sonoridade não banal, com a sílaba tônica “goe” na posição da cesura do decassílabo.

### 2.3 Ordem das palavras

Um dos efeitos expressivos do emprego da ordem das palavras nos versos latinos se encontra na passagem seguinte:

27

*ecce autem gemini a Tenedo tranquilla per alta*  
*(horresco referens) immensis orbibus angues (203-204)*

Virgílio cria certo suspense, primeiramente empregando a partícula *ecce*, que, como diz o *OLD*, s.v. 4, pode ser empregada “(in vivid narrative)... introducing a new event, usu. a sudden or surprising one”; em segundo lugar, expressando o horror de quem narra, *Eneias* (*horresco referens*); e, sobretudo, adiando a expressão do que é o conteúdo do prodígio. Façamos um exercício de compreender a sucessão de palavras no contexto, da forma mais literal possível:

*ecce autem* (“eis, porém”, anunciando algo imprevisto e surpreendente)  
*gemini* (“gêmeos”, em uso poético<sup>11</sup> do adjetivo em vez do banal *duo*, “dois”; mas “dois” o quê?; o leitor só saberá no final do verso seguinte) *a Tenedo tranquilla per alta* (“de Tênedos, tranquilas pelas águas” – mas o quê?, sabemos que é algo que vem pelo mar)/ (*horresco referens*) *immensis orbibus angues* (“(“horrorizo-me ao contar), de imensos anéis”... e,

<sup>11</sup> Ver Ernout; Meillet, 2001, p. 269: “poétique, imité de l’emploi du gr. *dídumoj*”...

finalmente, o conteúdo da visão, adiado para esta posição final no segundo verso: “serpentes”).

A disjunção *gemini...angues*, formulada em dois versos distintos e tão expressiva, parece fácil em latim, língua flexiva, mas coloca um desafio para o tradutor que verte o texto para uma língua sem casos. Lima Leitão adia para o terceiro verso a enunciação do conteúdo do prodígio (“Duas serpentes”), sem, porém, dar um equivalente da disjunção. Um ganho e uma perda.

Outro efeito na colocação da ordem das palavras nesse episódio de Laocoonte é muito significativo e mais difícil ainda de imitar em língua moderna não flexiva:

*et primum parua duorum  
corpora natorum serpens amplexus uterque  
implicat (213-215)*

Virgílio cria um efeito de entrelaçamento dos membros dos filhos de Laocoonte que as serpentes enlaçam e devoram: *parua* (adjetivo 1) *duorum* (adjetivo 2)/ *corpora* (substantivo 1) *natorum* (substantivo 2); lido literalmente: “os pequenos dos dois/corpos dos filhos”. Ovídio emprega procedimento semelhante, mas com uma espécie de quiasmo em:

*accipit illa sinu complexaque frigida nati  
membra sui. (Ovídio, Metamorfoses, XIV, 743-744)<sup>12</sup>*

Ela acolhe no regaço e abraça os frios membros  
De seu filho...

Notemos: *frigida* (adjetivo 1) *nati* (substantivo 2)/ *Membra* (substantivo 1) *sui* (pronome adjetivo 2). Ovídio parece emular (Hardie (OVÍDIO, 2015, p. 463) diz “il quadro fa pensare a”...) uma outra passagem de Virgílio; trata-se de *Bucólicas* 5, 22, que retrata a mãe de Dáfnis abraçando o corpo morto do filho: *cum complexa sui corpus miserabile nati*, que podemos analisar assim:

*cum complexa SUI* (pronome adjetivo 1) *corpus* (substantivo 2) *miserabile* (adjetivo 2) *NATI* (substantivo 1). Há um efeito de enquadramento: a expressão *corpus miserabile* é como que “abraçada” por *sui nati*.

---

<sup>12</sup> Texto da edição da Fundação Lorenzo Valla (baseado na edição de Tarrant para a *OCT*) (OVÍDIO, 2015).

Em resumo, encontramos na poesia latina (e outros exemplos poderiam ser citados) versos em que a distribuição de sintagmas constituídos por adjetivos e substantivos é realizada de forma expressiva, isto é, semantizando-se a colocação das palavras; nos exemplos brevemente analisados aqui, a ordem especiosa<sup>13</sup> apoia a ideia de entrelaçamento, abraço<sup>14</sup>.

Lima Leitão não imita essa sintaxe nem apresenta uma ordem das palavras com alguma singularidade:

Tomam rumo a Laocoon,] e aos dois filhinhos;  
Enlaçam com a cauda os tenros corpos; (242-243)

Se em vez de ponto-e-vírgula ao final do primeiro verso (que faz “e aos dois filhinhos” um par com “a Laocoon”, ou seja, as serpentes se dirigem a Laocoon e aos dois filhinhos”, o que não é exatamente a construção do original), não tivéssemos pontuação nenhuma, teríamos um efeito expressivo possível: “e aos dois filhinhos/enlaçam”, um encadeamento que reforçaria a ideia contida em “enlaçam”, cujo objeto direto preposicionado, “aos dois filhinhos”, colocado no verso anterior, seria como que “atado” (amarrado sintática e semanticamente) ao verbo que segue.

### 3. Uma infidelidade problemática

No que diz respeito à fidelidade à letra do original, Lima Leitão se afasta, não raramente, da prática de Odorico Mendes, bem mais apegado a ela e cioso de reproduzir as sonoridades do latim; veja-se, deste último, um pequeno trecho do episódio de Laocoonte:

Soa espumoso o páramo salgado.  
Já tomam terra, e em brasa e cruor tintos  
Fulmíneos olhos, com vibradas línguas  
Vinham lambendo as sibilantes bocas.

“Páramo salgado” é expressão erudita que desenvolve o original *salò*, mantendo a semântica de base da metonímia para “mar” numa palavra latina

<sup>13</sup> Lembremos que Quintiliano dá como exemplo de hipérbato na prosa uma colocação de palavras muito menos rebuscada, uma frase de Cícero em que o deslocamento de uma expressão é ligeiro: *Animaduerti, iudices, omnem accusatoris orationem in duas diuisam esse partes*. Ele comenta: *Nam “in duas partes diuisam esse” rectum erat, sed durum et incomptum* (“De fato, “in duas partes diuisam esse” estaria correto, mas seria duro e deselegante”; *Institutio oratoria*, VIII, 6, 65). Além dos motivos que Quintiliano aponta para o hipérbato, poderíamos hipotetizar que a separação em dois do sintagma *in duas partes* reforça semanticamente a ideia da partição.

<sup>14</sup> Cf. a minha análise em VIRGÍLIO (2008, p. 20-21).

que é, com tal sentido, de uso poético (em vez do não marcado *mare*), talvez um empréstimo do grego, segundo de Vaan (2008, p. 535). Notemos “vibradas línguas”, muito próximo de *linguis uibrantibus* e o ousado “sibilantes bocas”; de resto, em “sibiLANtes” cria-se um eco com “LAMbendo”, algo comparável com o *sibiLA LAmbebant* do latim, em que, porém, o som /la/ aparece reiterado em sequência e, portanto, mais realçado. A sonoridade do /i/ tônico em “fulmíneos” é digna de nota, num verso em que as sibilantes se reiteram junto a sons vocálicos em pares: “fulmíneOS olhOS, com vibradAS línguAS”.

Uma característica controversa da tradução de Lima Leitão que nos parece recorrente encerrará nossa discussão: o tradutor acrescenta, aqui e ali, imagens e expressões, por vezes versos inteiros, que não têm equivalentes no original; no limite, faz o texto de Virgílio dizer em português algo anacrônico. No episódio de Laocoonte, observemos que há um verso da tradução que explicita a morte do sacerdote, algo que não é retratado no original: “Por fim exala os últimos arrancos” (v. 255). De fato, no símile do final do episódio, o sacerdote é comparado a um touro que recebe a machadada incerta na cerviz, em golpe não mortal, e foge, mas não se descreve uma posterior morte do animal, assim como não se menciona a morte em si do sacerdote nesse episódio, a qual, porém, parece evidente.

Mas há casos de acréscimo mais problemáticos. Veja-se este exemplo do canto VI, em cena que menciona a seleção que Caronte faz das almas que acolherá em sua barca:

*nauita sed tristes nunc hos nunc accipit illos,  
ast alios longe summotos arcet harena. (315-316)<sup>15</sup>*

Tradução literal: Mas o sombrio barqueiro ora acolhe estes, ora aqueles,  
Mas a outros, removidos para longe, mantém afastados da areia.

Em Odorico: “Brusco admite o barqueiro estes e aqueles,  
Muitos porém da borda arreda esquivo.”

Em Lima Leitão: “Na barca aceita o carracundo nauta  
Ora uns, ora outros, e repele a muitos:  
Ali rechaça o rei, lá chama o escravo.” (368-370)

O terceiro verso da versão ilustra o que poderia ser uma escolha de Caronte: por vezes o rei é rejeitado e o escravo é acolhido, ou seja, não basta

---

<sup>15</sup> Adotamos o texto da edição Teubner (P. VERGILIUS MARO, 2011) de Gian Biagio Conte.

ser rico e poderoso para cruzar o Aqueronte; no reino dos mortos de nada valem as categorias sociais da vida humana, mas o original de Virgílio não diz isso explicitamente, nem traz comparável exemplo ilustrativo da ação do barqueiro. Tocamos aqui a questão dos limites da tradução; ao inserir verso completamente original na tradução, Lima Leitão apõe uma vistosa marca autoral. O leitor que não tem acesso ao latim julgará que no original de Virgílio há a enunciação de uma ideia que lá não está, pelo menos não explicitamente: Caronte rejeita reis, acolhe escravos. E não se trata, aqui, de uma questão de adoção de outra lição dos manuscritos.

No mesmo canto VI, vejamos este exemplo de acréscimo pessoal, numa resposta da Sibila a Caronte:

*quae contra breuiter fata est Amphraysia uates:  
'nullae hic insidiae tales (absiste moueri),  
nec uim tela ferunt...'* (398-400)

Tradução literal: Replicando, brevemente falou a vate anfrísia:  
'aquí nenhuma insídia tal (deixa de te abalar),  
as armas não trazem violência...''.

31

Em Odorico: "Curto responde a Anfrísia: 'Tais insídias  
Não temas, estas armas não te ofendem'." (406-407)

Em Lima Leitão: "A áugur Anfrísia lhe tornou destarte:  
'Sossega; em nós não temas tais insídias;  
Heróis só para o bem se servem de armas'." (465-467)

Não há em Virgílio a ideia de que heróis usam as armas apenas para fazer boas ações, uma ideia expressa na tradução em tom sentencioso, com um presente histórico proverbial.

Exemplos podem ser colhidos em outros livros<sup>16</sup>, mas terminaremos esta ilustração com mais um do livro VI, que introduz ideologia alheia ao original. Anquises inicia a explicação sobre o mundo que fornece a seu filho nos Campos Elísios:

*'dicam equidem nec te suspensum, nate, tenebo'  
suscipit Anchises atque ordine singula pandit.  
'Principio caelum ac terras camposque liquentis*

<sup>16</sup> Assinalo apenas mais um outro: "Abri-me, oh Musas, o Helicon fulgente,/ Dai a meu estro a rapidez das flamas" (VII, 256-257), em que o segundo verso não tem correspondente no original, que diz apenas, literalmente: "movei cantos" (*cantusque mouete*, VII, 641).

*lucentemque globum lunae Titaniaque astra  
spiritus intus alit, totamque infusa per artus  
mens agitat molem et magno se corpore miscet.  
inde hominum pecudumque genus uitaeque uolantum  
et quae marmoreo fert monstra sub aequore pontus. (722-729)*

Tradução literal: “darei, sim, nem te mantereis em suspenso, filho”,  
Começa Anquises e revela cada coisa ordenadamente.  
“Em princípio, ao globo da lua e aos astros titânios  
Um espírito nutre dentro e, difundida pelos membros,  
Uma mente agita toda a massa e se mistura ao corpo.  
Daí a raça dos homens e dos rebanhos e a vida dos voláteis  
E os monstros que o pélagos traz sob a superfície marmórea”.

Em Odorico Mendes: “Não fiques mais suspenso; eu vou por  
ordem  
Cada coisa expender-te: escuta, filho.  
Desde o princípio intrínseco almo espírito  
Céus e terra aviventa e o plaino undoso,  
O alvo globo Lunar, Titânios astros,  
E nas veias infuso a mole agita  
E ao todo se mistura: homens e feras,  
Voláteis gera e anima, e o que de monstros  
O cristal fluido arroja.” (740-748)

Em Lima Leitão: “Tudo tens de saber” –Anquises torna –  
“Detalhar-te-ei do Mundo a ordem dos fatos.  
Sentado no dossel da Natureza  
Um sempiterno rei reparte a vida  
Ao Céu, ao mar, à Terra, ao Sol, aos astros.  
Difundida nos membros do Universo  
Se identifica co’ele esta grande alma:  
Eis Deus, a fonte do contínuo moto;  
Eis Deus, o manancial de quanto existe”. (856-864)

Lima Leitão faz Anquises expressar-se de tal forma que o leitor leigo pode ver aqui uma figura de demiurgo muito próxima do Deus do catolicismo (e note-se a reiteração de “Eis Deus”), e não o espírito que anima o mundo, a *anima mundi* estoica nesta passagem de raízes platônico/órficas e estoicas<sup>17</sup>. O

---

<sup>17</sup> Ver HORSFALL, 2013, p. 484.

tradutor figura um criador eterno que, rei da criação, organiza o mundo segundo sua vontade: “Sentado no dossel da natureza/Um sempiterno rei reparte a vida”. Em nota ao verso 864, diz o tradutor: “Virgílio tirou estas ideias de Pitágoras e de Platão. Veja-se no fim da *República* deste filósofo a fábula contada por Sócrates. Platão diz que Deus criou a alma do Mundo; isto é, deu à matéria, que ele diversamente organizara, a faculdade de seguir as leis por ele impostas. Virgílio é deste parecer. Pitágoras ensinou que a alma do Mundo era Deus mesmo”. Pode-se dizer que o tradutor explicitou o que viu como fonte platônico-pitagórica aqui, mas, parece-nos, seu modo de enunciação pode levar o leitor a equívoco. Virgílio menciona *spiritus* e *mens* como sinônimos (HORSFALL, 2013, p. 488), tendo em vista, como dissemos, a *anima mundi* que permeia todas as coisas que existem; não há, na passagem, menção a um criador do mundo separado de sua criação.

A expressão “sempiterno rei” merece comentário à parte. Veja-se nestes versos de João Agostinho de Macedo (1761-1831), no poema “Viagem extática ao templo da sabedoria”, igual formulação, em referência ao Deus católico:

Tudo, tudo me diz que um Deus existe,  
Que é sempiterno Rei de Império eterno. (Canto I, grifo nosso)

---

33

Essa expressão provavelmente remonta à tradição bíblica. Na Vulgata, uma passagem de Jeremias (10,10) diz:

*Dominus autem Deus verus est,  
Ipsa Deus vivens et rex sempiternus.*

A expressão depois aparece em vários textos religiosos; no século XX, em 1951, para sermos mais precisos, o papa Pio XII publicou uma encíclica intitulada *Rex sempiternus Christus*.

Temos aqui um caso curioso de uma tradução que traz de forma mais evidente a marca pessoal do tradutor sob risco de criar anacronismo, levando a equívoco o leitor que pode atribuir a Virgílio uma concepção religiosa que não é a de seu texto. De maneira surpreendente, já que essa não é sua tônica geral, em passagens assim a tradução de Lima Leitão deixa de ser “foreignizing”, sendo vistosamente violada a alteridade da cultura do texto de partida.

Obviamente, não somos ingênuos a ponto de acreditar que seja possível uma tradução totalmente transparente, que não traga as marcas do tempo e da

cultura de seu tradutor<sup>18</sup>; mas há graus em tal processo, e num dos extremos está, a nosso ver, apresentar como ideia ou conceito do original algo que nele decididamente não está e que levará o leitor a atribuir ao autor do texto de partida valorizações do autor do texto de chegada.

## Conclusão

Em resumo, vemos nas traduções de Lima Leitão e Odorico Mendes convergência de princípios e semelhanças e, contudo, divergências na prática tradutória. Concisão, latinização do português (criando um efeito de “estrangeirização” da língua de chegada), busca da poeticidade do texto de chegada, através da adoção de ritmo regular consagrado na tradição épica lusitana e atenção aos efeitos poéticos do original são características que aproximam os dois projetos, embora Odorico seja, certamente, mais radicalmente engajado na recriação desses efeitos. A característica que nos parece mais diferenciá-los é a presença em Leitão de expressões e versos que não encontram correspondência no original e, no limite, introduzem ideias anacrônicas, conforme acabamos de ilustrar.

Observemos, por fim, que as traduções de Virgílio de Odorico Mendes já receberam em português edições anotadas e comentadas<sup>19</sup> e ampla recepção crítica em tempos recentes; que venham também reedições modernas das traduções de Virgílio feitas por Lima Leitão, um tradutor de todas as obras virgilianas em verso decassilábico ainda pouco conhecido mesmo no meio acadêmico. Trata-se de tradução poética cuidadosa, embora a edição do século XIX tenha muitos erros de diagramação, conforme o próprio autor reconhece, e que vão além dos arrolados nas erratas colocadas ao final dos volumes: mais um motivo para augurar que seja devidamente editado.

---

<sup>18</sup> Cf. VENUTI, 1995, p. 310: “The ethnocentric violence of translation is inevitable: in the translating process, foreign languages, texts, and cultures will always undergo some degree and form of reduction, exclusion, inscription”.

<sup>19</sup> As referências dessas edições são as seguintes: MENDES, Manuel Odorico. **Virgílio Brasileiro**. 2. Ed., atualizada com introdução e notas de Sebastião Moreira Duarte. Vol. 1 Bucólicas e Geórgicas. São Luís: EDUFMA, 1995; VIRGÍLIO. **Eneida**. Tradução: Manuel Odorico Mendes. São Paulo: Martin Claret, 2004; VIRGÍLIO. **Eneida**. Tradução e Notas: Odorico Mendes. Estabelecimento do texto, notas e glossário de Luiz Alberto Machado Cabral. Cotia/Campinas: Ateliê/Editora da Unicamp, 2005; MENDES, Manuel Odorico. **Eneida Brasileira**. Organizada por Paulo Sérgio de Vasconcellos (Grupo Odorico Mendes). Campinas: Editora da Unicamp, 2008 (reimpressão em 2016); VIRGÍLIO. **Bucólicas**. Tradução e notas de Odorico Mendes. Edição anotada e comentada pelo Grupo de Trabalho Odorico Mendes. Cotia/Campinas: Ateliê/Editora da Unicamp/Fapesp, 2008; VIRGÍLIO. **Geórgicas**. Tradução de Manuel Odorico Mendes. Organização de Paulo Sérgio de Vasconcellos (Grupo de Trabalho Odorico Mendes). Cotia: Ateliê/Fapesp, 2019.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, José Luiz. Antonio José de Lima Leitão (1787-1856): cirurgião militar, médico, político, professor e escritor. **Mátria digital**, v. 6, p. 549-566, nov. 2018/out.2019. Disponível em: <http://matriadigital.cm-santarem.pt/images/numero6/jose%20assis.pdf>. Acesso em: 20 maio 2020.

BOCAGE. **Rimas**. 3. ed. Lisboa: Na Of. de Simão Thaddeo Ferreira, 1806.

ERNOUT, Alfred; MEILLET, Antoine. **Dictionnaire étymologique de la langue latine**. 4.ed. Paris: Klincksieck, 2001.

HORÁCIO. **Arte poetica de Q. Horacio Flacco, Epistola aos Pisões**, traduzida em verso português por Antonio José de Lima Leitão. Bahia: Typographia de Manoel Antonio da Silva Serva, 1818.

HORSFALL, Nicholas. **Virgil, Aeneid 6**. A commentary. Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 2013.

LEITÃO, Antônio José de Lima. **As obras de Públio Virgílio Maro**. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1818, tomo I; 1819, tomos II e III.

LUCRÉCIO. **A natureza das coisas**. Poema de Tito Lucrécio Caro traduzido do original latino para verso português por Antonio José de Lima Leitão. Tomo I. Lisboa: Typographia de Francisco Jorge Ferreira de Mattos, 1851; tomo II: Lisboa: Typographia de A. J. F. Lopes, 1853.

MACEDO, João Agostinho de. **Viagem extatica ao templo da sabedoria**. Lisboa: Impressão Régia, 1830.

MENDES, Manuel Odorico. **Eneida brasileira ou tradução poética da epopeia de Públio Virgílio Maro**. Campinas, Editora Unicamp, 2008 (reimpressão 2016).

MENDES, Manuel Odorico. **Virgilio Brasileiro**. Paris: Na Typographia de W. Remquet, 1858.

MENDES, Manuel Odorico. **Virgílio Brasileiro**. 2. Ed., atualizada com introdução e notas de Sebastião Moreira Duarte. Vol. 1 Bucólicas e Geórgicas. São Luís: EDUFMA, 1995.

**Nova vulgata bibliorum sacrorum editio.** 2.ed. [Roma/Vaticano:] Libreria Editrice Vaticana, 1986.

OVÍDIO. **Metamorfosi.** A cura di Philip Hardie. Traduzione di Gioachino Chiarini. Vol. VI. Milano: Arnaldo Mondadori e Fondazione Lorenzo Valla, 2015.

P. VERGILIUS MARO. **Aeneis.** Edited by: Gian Biagio Conte. Berlin: De Gruyter, 2011.

PINA, Madalena Esperança (coord.). **Dicionário de médicos portugueses.** Lisboa: Faculdade de Ciências Médicas da Universidade nova de Lisboa, 2010. Disponível em: [medicosportugueses.blogs.sapo.pt/5571.html](http://medicosportugueses.blogs.sapo.pt/5571.html). Acessado em 20 maio 2020.

SILVA, Agostinho da. **Obras de Virgílio.** 2.ed., Lisboa: Temas e Debates, 1999.

SILVA, Innocencio Francisco da. **Diccionario bibliographico portuguez.** Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858.

THAMOS, Márcio. Cobras retóricas, horror poético: efeitos de expressão e a morte de Laocoonte na *Eneida*. **Acta Scientiarum**, v. 39, n. 1, p. 13-22, 2017. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/32397>.

de VAAN, Michiel. **Etymological Dictionary of Latin and other Italic languages.** Leiden/Boston: Brill, 2008.

VENUTI, Lawrence. **The translator's invisibility.** A history of translation. London/New York: Routledge, 1995.

VIEIRA, Brunno V. G. Recepção de Odorico Mendes: (a)casos de crítica de tradução no séc. XIX. **Phaos**, v. 10, p. 139-154, 2010.

VIRGÍLIO. **Bucólicas.** Tradução e notas de Odorico Mendes. Cotia/Campinas: Ateliê/Editora da Unicamp/Fapesp, 2008.

VIRGÍLIO. **Eneida.** Tradução: Manuel Odorico Mendes. São Paulo: Martin Claret, 2004.

VIRGÍLIO. **Eneida**. Tradução e Notas: Odorico Mendes. Estabelecimento do texto, notas e glossário de Luiz Alberto Machado Cabral. Cotia/Campinas: Ateliê/Editora da Unicamp, 2005.

VIRGÍLIO. **Geórgicas**. Tradução de Manuel Odorico Mendes. Organização de Paulo Sérgio de Vasconcellos (Grupo de Trabalho Odorico Mendes). Cotia: Ateliê/Fapesp, 2019.

Data de envio: 25/05/2020

Data de aprovação: 17/06/2020

Data de publicação: 02/07/2020